

# O CORPO DELA E OUTRAS FARRAS

CARMEN MARIA MACHADO

minotauro

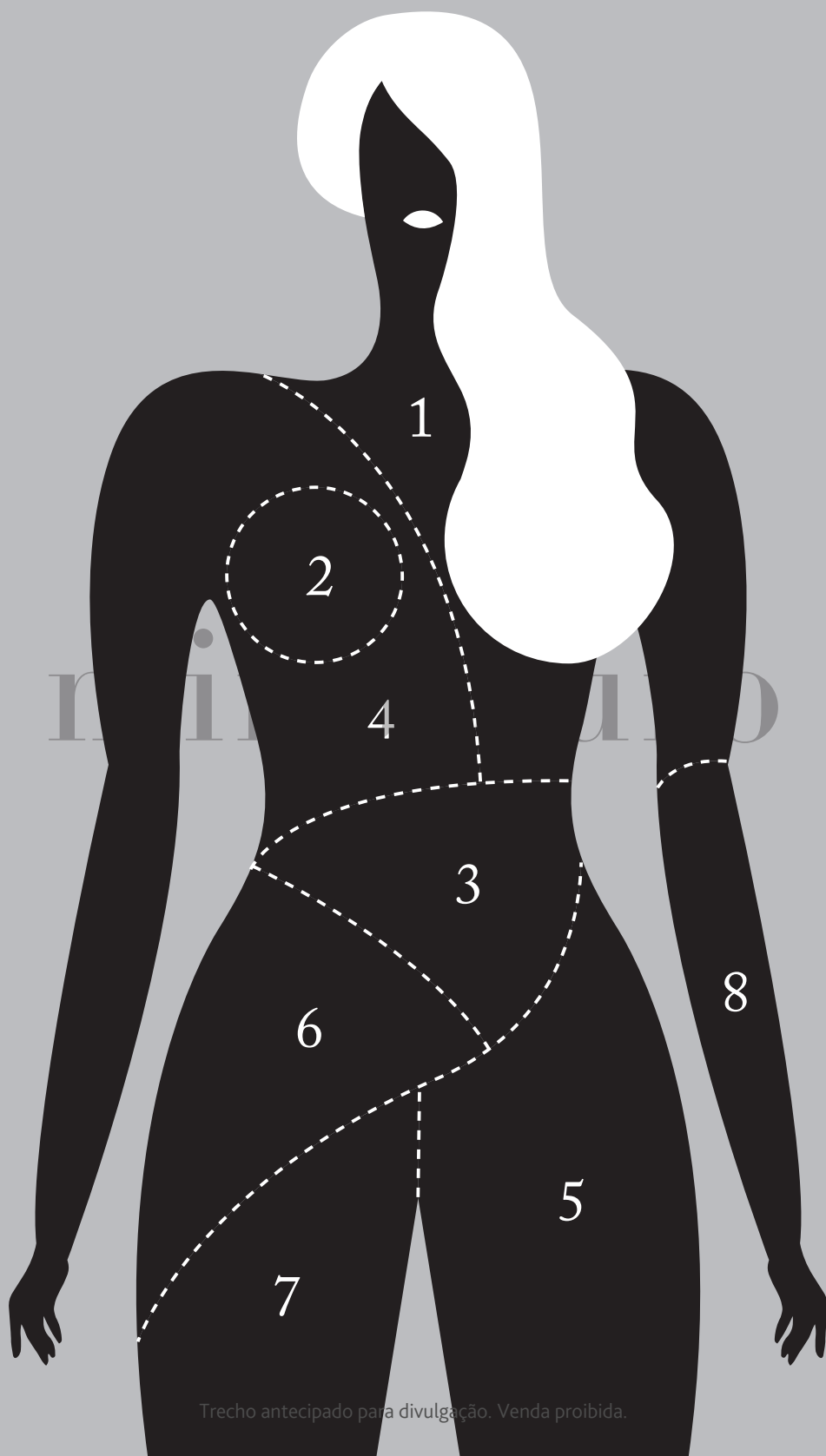
*Tradução*

Gabriel Oliva Brum

 Planeta

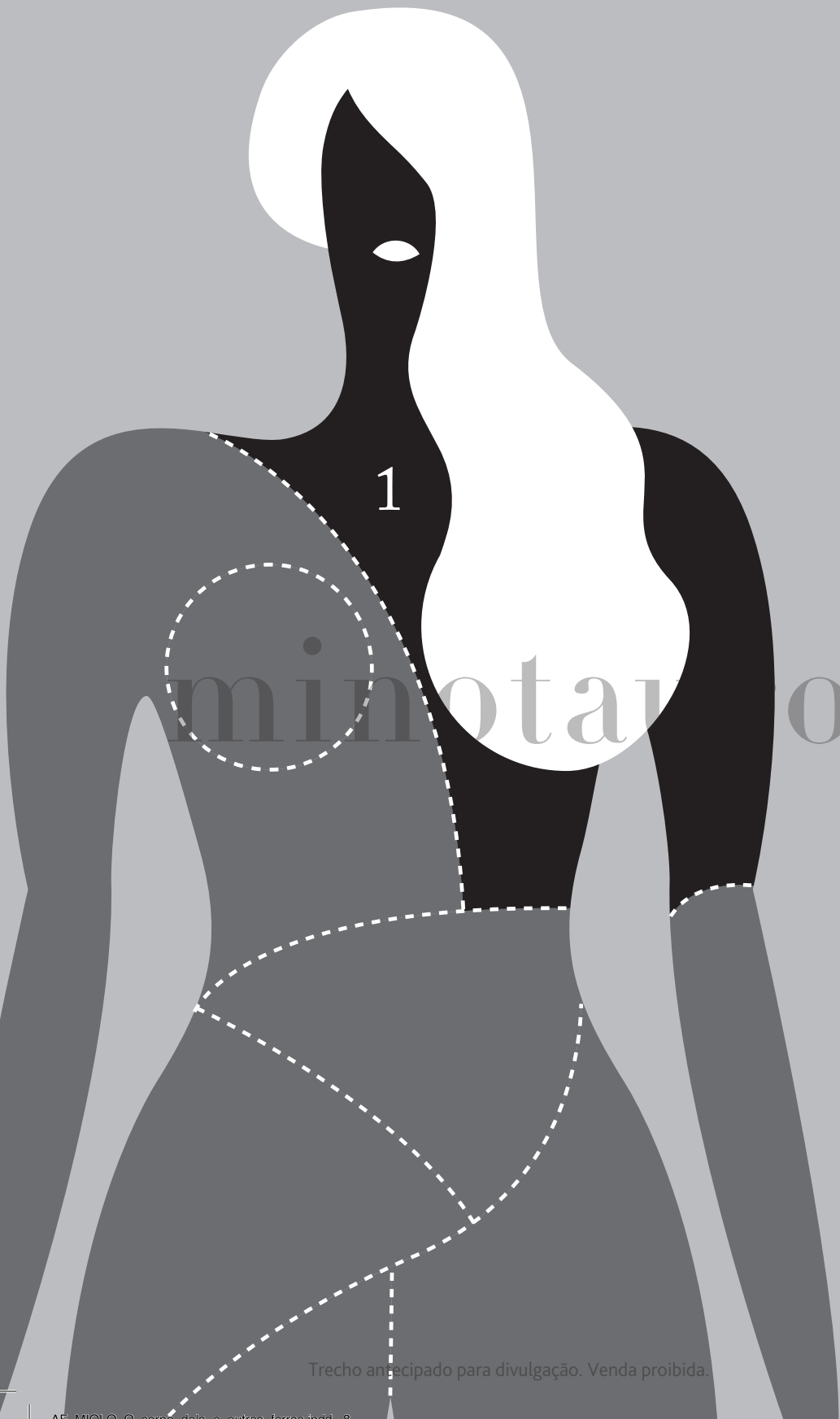
minotauro

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

- 1 O PONTO DO MARIDO 9
- 2 INVENTÁRIO 37
- 3 MÃES 49
- 4 ESPECIALMENTE HEDIONDAS  
272 visões de *Law & Order: SVU* 67
- 5 MULHERES DE VERDADE TÊM CORPOS 123
- 6 OITO BOCADOS 145
- 7 A RESIDENTE 165
- 8 DIFÍCIL EM FESTAS 213



minotaur o

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

## O PONTO DO MARIDO

(Se for ler esta história em voz alta, por favor, use as seguintes vozes:

**EU:** quando criança, aguda, esquecível; quando adulta, da mesma forma.

**O GAROTO QUE SE TORNARÁ UM HOMEM E SERÁ MEU MARIDO:** repleta de espontaneidade.

**MEU PAI:** gentil, estrondosa; como a do seu pai, ou a do homem que você gostaria que fosse seu pai.

**MEU FILHO:** quando pequeno, suave, como se tivesse a língua um pouco presa; quando adulto, parecida com a do meu marido.

**TODAS AS OUTRAS MULHERES:** intercambiáveis com a minha.)

No início, sei que o quero antes de ele me querer. Não é assim que se faz, mas é como vou fazer. Estou na festa de um vizinho com meus pais e tenho dezessete anos. Bebo meia taça de vinho branco na cozinha com a filha adolescente do vizinho. Meu pai não percebe. Tudo é suave, como uma pintura a óleo fresca.

O garoto não está voltado para mim. Vejo os músculos de seu pescoço e das costas, como ele quase não cabe na camisa abotoada, como um trabalhador braçal vestido para um baile, e prefiro os arrumados. E não é como se eu não tivesse opções. Sou bonita. Tenho uma boca carnuda. Meus seios saltam dos meus vestidos de uma maneira que pareço ao mesmo tempo inocente e perversa. Sou uma garota comportada de uma boa família. Mas ele é um pouco rústico, de um jeito que os homens às vezes são, e eu quero. Parece que ele poderia querer a mesma coisa.

Uma vez ouvi uma história sobre uma garota que pediu algo tão repulsivo ao seu amante que ele contou à família dela e a mandaram

para um sanatório. Não sei que prazer pervertido ela pediu, mas eu daria tudo para saber. Que coisa mágica seria essa, possível de se querer tanto a ponto de lhe isolar do mundo por querê-la?

O garoto me nota. Ele parece meigo, encabulado. Diz oi. Pergunta o meu nome.

Sempre quis escolher o meu momento e esse é o que escolho.

Eu o beijo no terraço. Ele retribui o beijo, a princípio de leve, mas depois com mais força, e até abre um pouco a minha boca com a língua, o que me pega de surpresa e, acho, ele também. Imaginei muitas coisas no escuro, na minha cama, debaixo do peso daquela colcha velha, mas nunca isso, e dou um gemido. Ele parece assustado quando se afasta. Seus olhos procuram algo por um momento até se fixarem na minha garganta.

“O que é isso?”, pergunta ele.

“Ah, isto?” Toco na fita na minha nuca. “É só a minha fita.” Passo os dedos pela superfície verde e lustrosa até chegar ao laço apertado que fica na frente. Ele estende a mão e eu a agarro e afasto de mim.

“Você não devia tocar nela”, digo. “Não pode tocar nela.”

Antes de a gente voltar pra dentro, ele pergunta se pode me ver de novo. Digo que gostaria. Naquela noite, antes de dormir, eu o imagino novamente, sua língua abrindo a minha boca, e meus dedos deslizam pelo meu corpo e o imagino ali, cheio de músculos e desejo de agradecer, e sei que vamos nos casar.

...

Nos casamos. Quer dizer, vamos nos casar. Mas, primeiro, ele me leva em seu carro, no escuro, até um lago com uma margem pantanosa da qual é difícil se aproximar. Ele me beija e agarra o meu seio; meu mamilo endurece sob seus dedos.

Não tenho realmente certeza do que ele vai fazer antes que faça. Ele está duro, quente e seco e cheira a pão, e quando me rompe eu grito e me agarro a ele como se estivesse à deriva no mar. Seu corpo

se prende ao meu e ele empurra, empurra, e antes do fim ele sai de dentro de mim e termina coberto com o meu sangue. Fico fascinada e excitada pelo ritmo, pela sensação concreta da sua necessidade, pela clareza do seu alívio. Depois, ele se atira no banco e posso ouvir os sons do lago: mergulhões e grilos e algo que soa como um banjo sendo dedilhado. O vento sopra mais forte saindo da água e esfria o meu corpo.

Não sei o que fazer agora. Sinto meu coração batendo entre as minhas pernas. Dói, mas imagino que a sensação poderia ser boa. Passo a mão sobre mim e sinto traços de prazer vindos de algum lugar distante. A respiração dele fica mais lenta, e percebo que está me observando. Minha pele brilha sob o luar que entra pela janela. Quando o vejo olhando, sei que posso agarrar aquele prazer como as pontas dos meus dedos roçando a extremidade do barbante de um balão que quase voou para longe. Puxo e gemo e desfruto da sensação devagar, com calma, sem parar de morder a minha língua.

“Preciso de mais”, diz ele, mas não se levanta para fazer nada. Ele olha pela janela, assim como eu. *Qualquer coisa poderia se mover lá fora na escuridão*, penso. Um homem com um gancho no lugar da mão. Um caronista espectral repetindo eternamente a mesma viagem. Uma velha invocada do descanso de seu espelho pelas cantigas de crianças. Todo mundo conhece essas histórias, isto é, todo mundo as conta, mesmo que não as conheça, mas ninguém acredita nelas.

Seus olhos percorrem a superfície da água e recaem sobre mim.

“Me conte sobre a sua fita”, diz ele.

“Não tem nada pra contar. É a minha fita.”

“Posso tocar nela?”

“Não.”

“Eu quero tocar nela.” Os seus dedos estremecem um pouco e fecho as pernas e me sento direito.

“Não.”

Algo no lago sai da água se contorcendo e cai com um baque molhado. Ele se vira ao ouvir o barulho.

“Um peixe”, diz ele.

“Algum dia vou lhe contar as histórias sobre esse lago e suas criaturas”, digo a ele.

Ele sorri para mim e esfrega o maxilar. Um pouco do meu sangue acaba espalhado por sua pele, mas ele não nota e não digo nada.

“Eu gostaria bastante de ouvir”, diz ele.

“Me leve pra casa”, digo a ele. E, como um cavalheiro, ele me leva.

Eu me lavo naquela noite. A espuma macia entre as minhas pernas tem cor e cheiro de ferrugem, mas estou mais nova do que nunca.

Meus pais gostam muito dele. Dizem que é um bom garoto. Ele será um bom homem. Perguntam no que ele trabalha, sobre os seus hobbies, sua família. Ele aperta com firmeza a mão do meu pai e rasga elogios à minha mãe que a fazem dar risinhos e corar feito uma garota. Ele aparece duas vezes por semana, às vezes três. Minha mãe o convida para jantar e, enquanto comemos, cravo as minhas unhas na perna dele. Depois das poças de sorvete na tigela, digo aos meus pais que vou dar uma caminhada com ele pela rua. Saímos noite adentro, ficando meigamente de mãos dadas até não podermos mais ser vistos da casa. Eu o puxo para o meio das árvores e, quando encontramos um lugar mais aberto, me retorço para tirar a meia-calça e me ofereço de quatro para ele.

Ouvi todas as histórias sobre garotas como eu e não tenho medo de criar mais uma. Ouço a fivela metálica de sua calça e o barulho abafado que faz ao cair no chão e sinto seu membro semiduro encostar em mim. Eu imploro, “Não provoque”, e ele atende o meu pedido. Gemo e me pressiono contra ele e trepamos naquela clareira, os gemidos do meu prazer e os gemidos da sorte dele se misturam e se dissipam na noite. Estamos aprendendo, ele e eu.

Há duas regras: ele não pode terminar dentro de mim e não pode tocar na minha fita verde. Ele ejacula na terra, *pá-pá-pá*, como chuva começando a cair. Tento me tocar, mas os meus dedos, que estavam se enterrando na terra debaixo de mim, estão sujos. Subo a minha calcinha e a meia-calça. Ele faz um barulho e aponta e percebo que, debaixo do nylon, os meus joelhos também estão cobertos de terra. Abaixo a meia-calça



e limpo e depois a subo de novo. Aliso minha saia e prendo meu cabelo. Um único tufo escapou de seus cachos alisados para trás com o esforço, e o coloco no lugar com os outros. Caminhamos até o córrego e mergulho minhas mãos na correnteza até ficarem limpas de novo.

Andamos de volta para a casa de braços dados de maneira inocente. Lá dentro, minha mãe fez café, nós todos nos sentamos e meu pai lhe pergunta sobre os negócios.

(Se for ler esta história em voz alta, os sons da clareira podem ser reproduzidos mais fielmente respirando fundo e prendendo a respiração por bastante tempo. Então solte todo o ar de uma vez, permitindo que o seu peito afunde feito o bloco de uma torre de brinquedo arremessado ao solo. Continue fazendo isso, encurtando o tempo entre prender e soltar a respiração.)

...

Sempre fui uma contadora de histórias. Quando eu era pequena, minha mãe me arrastou para fora do mercado enquanto eu gritava que havia mãos no corredor de hortifrúti. Mulheres preocupadas se viraram e assistiram enquanto eu esperneava e batia nas costas magras da minha mãe.

“Mamão!”, corrigiu ela quando voltamos para casa. “Não mão!” Ela me mandou sentar na minha cadeira, uma coisinha de tamanho infantil, feita para mim, até que meu pai chegasse. Mas, não, eu havia visto as mãos, pálidas e ensanguentadas, misturadas entre aqueles frutos avermelhados. Uma delas, uma que eu cutucara com a ponta do dedo indicador, estava gelada e cedeu ao meu toque como se fosse uma bolha. Quando repeti esse detalhe à minha mãe, algo por trás do líquido dos seus olhos moveu-se depressa feito um gato assustado.

“Não saia daqui”, disse ela.

Meu pai chegou do trabalho naquela noite e ouviu a minha história com todos os detalhes.

“Você conheceu o Sr. Barns, não?”, perguntou ele, referindo-se ao senhor idoso que era dono daquele mercado em particular.

Eu o havia encontrado uma vez e disse isso. Ele tinha cabelos brancos como o céu antes da neve e uma esposa que escrevia as placas para as vitrines do lugar.

“Por que o Sr. Barns venderia mãos?”, perguntou o meu pai. “Onde ele as conseguiria?”

Sendo nova, e sem noção da existência de cemitérios ou necrotérios, não pude responder.

“E mesmo que ele as tivesse conseguido em algum lugar”, continuou o meu pai, “o que ele teria a ganhar ao vendê-las entre os mamões?”

Elas estavam lá. Eu as vi com os meus próprios olhos. Porém, sob o raio de sol da lógica do meu pai, senti minhas dúvidas tomarem forma.

“E, acima de tudo”, disse o meu pai, usando de modo triunfante sua prova final, “por que ninguém notou as mãos além de você?”

Como uma mulher adulta, eu teria dito ao meu pai que há coisas verdadeiras nesse mundo observadas somente por um único par de olhos. Como uma menina, concordei com o seu relato da história e ri quando ele me levantou da cadeira para me beijar e me mandou ir brincar.

Não é normal uma garota ensinar o seu garoto, mas estou apenas mostrando a ele o que quero, o que acontece por trás das minhas pálpebras quando adormeço. Ele passa a reconhecer a mudança na minha expressão quando sou tomada por um desejo e não escondo nada dele. Quando ele me diz que quer a minha boca, toda a minha garganta, eu aprendo a não engasgar e o recebo inteiro dentro de mim, gemendo enquanto lido com o gosto salgado. Quando ele me pergunta qual é meu pior segredo, conto sobre o professor que me escondeu no armário até os outros terem ido embora e me fez abraçá-lo lá, e como depois voltei para casa e esfreguei as mãos com um chumaço de palha de aço até sangrarem, apesar de a lembrança me deixar tão furiosa e envergonhada que depois de contá-la tenho pesadelos durante um mês. E quando ele me pede em casamento,

poucos dias antes do meu aniversário de dezoito anos, digo sim, sim, por favor, e então naquele banco do parque sento no colo dele e ajeito a minha saia para que ninguém que passe perceba o que está acontecendo debaixo dela.

“Sinto como se eu conhecesse tantas partes de você”, ele me diz, com um dedo enfiado e tentando não ofegar. “E, agora, vou conhecer todas elas.”

Há uma história que contam sobre uma garota que foi desafiada por seus amigos a entrar em um cemitério local depois que escurecesse. Sua tolice foi a seguinte: quando lhe contaram que ficar de pé sobre o túmulo de alguém à noite faria com que o residente a agarrasse e a puxasse para debaixo da terra, ela zombou. Zombar é o primeiro erro que uma mulher pode cometer.

“A vida é curta demais para se ter medo por nada”, disse ela, “e vou provar para vocês”.

Orgulho é o segundo erro.

Ela insistiu que conseguiria realizar o ato porque nada daquilo lhe aconteceria, de modo que lhe entregaram uma faca para cravar na terra coberta de geada a fim de provar a sua presença e a sua teoria.

Ela foi até aquele cemitério. Alguns contadores de histórias dizem que ela escolheu o túmulo ao acaso. Acredito que ela optou por um muito antigo e que tal escolha foi influenciada pela insegurança e a crença latente de que, caso estivesse errada, os músculos e a carne intactos de um cadáver recente seriam mais perigosos do que os ossos de alguém morto há séculos.

Ela se ajoelhou sobre o túmulo e cravou fundo a lâmina. Ao se levantar para correr, pois não havia ninguém para testemunhar o seu medo, ela percebeu que não podia escapar. Algo segurava sua roupa. Ela gritou e caiu no chão.

Quando amanheceu, seus amigos chegaram ao cemitério. Eles a encontraram morta sobre o túmulo, a lâmina prendendo a lâ grossa de sua saia na terra. Morta de medo ou por ficar exposta ao relento, faria diferença quando os pais chegassem? Ela não estava

errada, mas isso não importava mais. Posteriormente, todos acreditaram que ela queria morrer, mesmo tendo morrido provando que queria viver.

No fim, estar certa era o terceiro e pior erro.

Meus pais ficam contentes com a ideia do casamento. Minha mãe diz que, ainda que as garotas hoje em dia estejam se casando mais tarde, ela se casou com meu pai quando tinha dezenove anos e estava feliz por ter feito isso.

Quando escolho o meu vestido de noiva, me lembro da história da jovem que queria ir a um baile com o seu amado, mas que não tinha dinheiro para um vestido novo. Ela comprou um adorável vestido branco em um brechó e então adoeceu e partiu deste mundo. Um médico que a examinou em seus últimos dias descobriu que ela morrera por exposição a formol. O assistente de um agente funerário inescrupuloso roubara o vestido do cadáver de uma noiva.

Acho que a moral da história é que ser pobre mata. Gastei mais no meu vestido do que pretendia, mas ele é muito bonito e é melhor do que estar morta. Quando o dobro no baú do meu enxoval, penso na noiva que brincou de esconde-esconde no dia do seu casamento e se escondeu no sótão em um velho baú que se fechou e não abriu. Ela ficou presa lá dentro até morrer. As pessoas pensaram que ela havia fugido até anos mais tarde, quando uma empregada encontrou o seu esqueleto, de vestido branco, encolhido dentro daquele espaço escuro. Noivas nunca acabam bem nas histórias. Histórias conseguem sentir a felicidade e a apagam como uma vela.

Casamos em abril, em uma tarde de frio fora de estação. Ele me vê antes do casamento, com o meu vestido, e insiste em me beijar com avidez e enfiar a mão dentro do meu corpete. Ele fica duro e digo que quero que ele use meu corpo como achar melhor. Rescindo a minha primeira regra, dada a ocasião. Ele me empurra contra a parede e coloca a mão no azulejo próximo à minha garganta para se equilibrar. Seu polegar roça na minha fita. Ele não mexe a mão e enquanto me penetra diz, “Eu te amo, eu te amo, eu te amo”. Não sei se sou a

primeira mulher a entrar na igreja St. George com sêmen escorrendo perna abaixo, mas gosto de pensar que sim.

Viajamos pela Europa na nossa lua de mel. Não somos ricos, mas damos um jeito. A Europa é um continente de histórias e, entre consumações, eu as descubro. Saímos de metrópoles antigas e movimentadas para aldeias sossegadas, passando por retiros alpinos na ida e na volta, bebendo e arrancando carne assada de ossos com os dentes, comendo *spatzle* e azeitonas e ravióli e um cereal cremoso que não reconheço, mas que passo a desejar todas as manhãs. Não temos como pagar um vagão-leito no trem, mas meu marido suborna um atendente para permitir que usemos uma cabine vazia por uma hora, e assim copulamos com vista para o Reno, meu marido me segurando na cama precária e uivando feito algo mais primordial do que as montanhas que atravessamos. Reconheço que isso não é o mundo inteiro, mas é a primeira parte dele que estou vendo. Me sinto energizada com as possibilidades.

(Se estiver lendo esta história em voz alta, faça o som da cama castigada pelo movimento do trem e do sexo abrindo e fechando com força uma cadeira de dobrar de metal. Quando se cansar, cante as letras meio esquecidas de músicas antigas para a pessoa mais próxima de você, pensando em cantigas de ninar para crianças.)

Meu ciclo menstrual para assim que voltamos de viagem. Conto ao meu marido uma noite depois de nos cansarmos e ficamos atirados na nossa cama. Ele fica maravilhado.

“Um filho”, diz ele. Ele se deita com as mãos atrás da cabeça. “Um filho.” Ele fica em silêncio por tanto tempo que acho que dormiu, mas quando olho para ele seus olhos estão abertos e voltados para o teto. Ele se vira de lado e olha para mim.

“A criança vai ter uma fita?”

Sinto a minha mandíbula retesar e a minha mão acaricia involuntariamente o meu laço. Minha cabeça passa por várias respostas e escolho aquela que vai me causar menos raiva.

“Não dá pra saber ainda”, digo por fim.

Então ele me assusta, passando a mão em volta da minha garganta. Ergo as minhas mãos para impedi-lo, mas ele usa sua força, agarra meus pulsos com uma mão e toca a fita com a outra. Ele aperta o material sedoso com o polegar. Toca o laço com delicadeza, como se estivesse massageando o meu sexo.

“Por favor”, digo. “Por favor, não.”

Ele parece não ouvir. “Por favor”, digo de novo, mais alto, mas minha voz vacila.

Se quisesse, ele poderia ter desamarrado o laço naquele momento. Mas ele me solta e rola para o lado, de barriga para cima, como se nada tivesse acontecido. Meus pulsos doem e os esfrego.

“Preciso de um copo d’água”, digo. Me levanto e vou ao banheiro. Abro a torneira e então examino freneticamente a minha fita, com lágrimas presas nos cílios. O laço ainda está firme.

Há uma história que adoro sobre um casal de pioneiros, marido e mulher, mortos por lobos. Os vizinhos encontraram o corpo deles esfaqueado e espalhado pela minúscula cabana, mas jamais encontraram a filha pequena, viva ou morta. Pessoas afirmavam ter visto a menina correndo com uma alcateia de lobos, trotando pelas matas, tão selvagem e feral quanto qualquer um de seus companheiros.

Notícias sobre ela se espalhavam feito rastilho de pólvora pelos povoados locais cada vez que era avistada. Ela ameaçou um caçador em uma floresta no inverno – embora ele talvez tenha se sentido menos ameaçado do que espantado por uma garotinha nua de dentes arreganhados que uivava de forma tão animalisca a ponto de lhe gelar os ossos. Uma jovem, com idade para se casar, tentando abater um cavalo. Pessoas a viram inclusive esfaquear uma galinha numa explosão de penas.

Muitos anos mais tarde, disseram que ela fora vista descansando em meio aos juncos na margem de um rio, amamentando dois filhotes de lobo. Gosto de imaginar que eles saíram de seu corpo, uma única mácula humana na linhagem dos lobos. Eles sem dúvida deixavam seus seios sangrando, mas ela não se importava, porque eram dela e

só dela. Creio que quando os focinhos e os dentes eram pressionados contra a sua pele ela sentia uma espécie de refúgio, uma paz que não teria encontrado em nenhum outro lugar. Ela devia estar melhor entre eles do que estaria em qualquer outro lugar. Disso tenho certeza.

...

Meses se passam e a minha barriga cresce. Nosso bebê nada sem parar dentro de mim, chutando, empurrando e arranhando. Em público, ofego e cambaleio para o lado, agarrando minha barriga e pedindo por entre os dentes para que Pequeno, como o chamo, pare. Um dia, tropeço durante uma caminhada no parque, o mesmo parque em que meu marido me pediu em casamento no ano anterior, e caio de joelhos, respirando com dificuldade e quase chorando. Uma mulher que passa me ajuda a me sentar e me dá um pouco de água, diz que a primeira gravidez é sempre a pior, mas que melhoram com o tempo.

É a pior, mas por muito mais razões além da minha forma física alterada. Canto para o meu bebê e penso nas crenças populares sobre o bebê estar no alto da barriga ou embaixo. Carrego um menino dentro de mim, a imagem do seu pai? Ou uma menina, uma filha que amoleceria os filhos que viessem depois? Não tenho irmãos, mas sei que as filhas mais velhas deixam seus irmãos mais doces e são protegidas por eles dos perigos do mundo – um arranjo que me alegra o coração.

Meu corpo muda de maneiras que não espero: meus seios ficam grandes e quentes, minha barriga, coberta de marcas claras, o inverso das de um tigre. Me sinto monstruosa, mas o desejo do meu marido parece revigorado, como se a minha nova forma física tivesse renovado a nossa lista de perversões. E meu corpo responde: na fila do supermercado, fazendo a comunhão na igreja, sou marcada por uma ânsia nova e feroz que me deixa molhada e inchada com a mais leve das provocações. Meu marido, ao chegar em casa todos os dias, tem uma lista em mente das coisas que deseja de mim e me disponho a fornecê-las e ainda mais, depois de estar prestes a gozar desde quando comprei pão e cenouras de manhã.

“Sou o homem mais sortudo do mundo”, diz ele, passando as mãos pela minha barriga.

De manhã, ele me beija, me apalpa e às vezes me pega antes do seu café e da torrada. Ele sai para trabalhar cheio de si. Chega em casa com uma promoção, e então com mais outra. “Mais dinheiro pra minha família”, diz ele. “Mais dinheiro pra nossa felicidade.”

Entro em trabalho de parto no meio da noite, cada centímetro das minhas entranhas se retorce num nó obsceno antes de se soltar. Grito como não gritava desde a noite à beira do lago, mas por razões opostas. Agora, o prazer de saber que meu filho está vindo é destruído pela agonia incessante.

Estou em trabalho de parto há vinte horas. Quase arranco a mão do meu marido, urrando obscenidades que parecem não chocar a enfermeira. O médico é de uma paciência frustrante enquanto olha entre as minhas pernas, suas sobrancelhas brancas criando um código Morse indecifrável na sua testa.

“O que tá acontecendo?”, pergunto.

“Respire”, ordena ele.

Tenho certeza de que se passar mais tempo meus dentes vão virar pó de tanto que os aperto. Olho para o meu marido, que beija minha testa e pergunta ao médico o que está acontecendo.

“Não estou convencido de que será um parto natural”, diz o médico. “Talvez precisemos tirar o bebê cirurgicamente.”

“Não, por favor”, digo. “Não quero isso, por favor.”

“Se não houver movimento logo, vamos fazer”, diz o médico. “Talvez seja o melhor para todos.” Ele ergue a cabeça e tenho quase certeza de que pisca para o meu marido, mas a dor faz a mente enxergar coisas de um modo diferente do que são.

Faço um acordo com Pequeno na minha cabeça. *Pequeno*, penso, *esta é a última vez que seremos só você e eu. Não deixem que o cortem de mim, por favor.*

Pequeno nasce vinte minutos depois. Eles precisam fazer um corte, mas não na minha barriga, como eu temia. O médico passa



o bisturi mais abaixo e quase não sinto nada, apenas uma puxada, embora talvez seja por causa do que me deram. Quando o bebê é colocado nos meus braços, examino o corpo enrugado dos pés à cabeça, da cor de um céu ao pôr do sol e raiado de vermelho.

Sem fita. Um menino. Começo a chorar e aninho o bebê desmarcado junto ao peito. A enfermeira me mostra como amamentá-lo e me sinto tão feliz ao senti-lo se alimentar, ao tocar os dedos curvados, cada um deles uma pequena vírgula.

(Se estiver lendo esta história em voz alta, entregue uma faca pequena para os ouvintes e peça que cortem o pedaço tenro de pele entre o seu indicador e o polegar. Depois agradeça a eles.)

Há uma história sobre uma mulher que entra em trabalho de parto quando o médico que a atende está cansado. Há uma história sobre uma mulher que nasceu cedo demais. Há uma história sobre uma mulher cujo corpo prendeu-se tão firme ao filho que a cortaram para retirá-lo. Há uma história sobre uma mulher que ouviu uma história sobre uma mulher que em segredo deu à luz filhotes de lobo. Pensando bem, histórias têm isso de se misturarem feitas gotas de chuva em um lago. Cada uma surge das nuvens separada, mas, assim que se juntam, não há como distingui-las.

(Se estiver lendo esta história em voz alta, afaste a cortina para ilustrar este último exemplo aos seus ouvintes. Prometo que estará chovendo.)

Levam o bebê embora para poderem dar um jeito em mim onde cortaram. Me dão algo que me deixa sonolenta, administrado por uma máscara pressionada com cuidado sobre a minha boca e o meu nariz. Meu marido faz troça com o médico enquanto segura a minha mão.

“Quanto é para conseguir aquele ponto a mais?”, pergunta ele. “Vocês oferecem isso, certo?”

“Por favor”, digo a ele. Mas minha voz sai arrastada e distorcida e possivelmente pouco mais do que um gemido baixo. Nenhum dos homens vira a cabeça na minha direção.

O médico gargalha. “Você não é o primeiro...”

Deslizo por um túnel longo e saio do outro lado, mas coberta de alguma coisa pesada e escura, como óleo. Tenho a sensação de que vou vomitar.

“... os boatos são de que é como...”

“... como uma vir...”

E então estou acordada, bem acordada, e meu marido não está ali, nem o médico. E o bebê, onde está...

A enfermeira coloca a cabeça para dentro do quarto.

“O seu marido acabou de sair para pegar um café”, diz ela, “e o bebê está dormindo no berço.”

O médico aparece atrás dela e entra enxugando as mãos num pano.

“Você está toda costurada, não se preocupe”, diz ele. “Bem fechadinha e apertada, para a felicidade de todo mundo. A enfermeira vai lhe falar sobre a recuperação. Você vai precisar descansar por um tempo.”

O bebê acorda. A enfermeira o tira do meio dos panos e o coloca de novo em meus braços. Ele é tão bonito que tenho que me lembrar de respirar.

Me recupero um pouco a cada dia que passa. Ando devagar e com dores. Meu marido tenta me tocar e o empurro para longe. Quero voltar à nossa vida de antes, mas não dá para evitar agir assim. Já estou dando de mamar e levantando a qualquer hora para cuidar do nosso filho com a minha dor.

Então um dia eu o agarro com uma mão e ele fica tão satisfeito quando acaba que percebo que posso satisfazê-lo mesmo sem me satisfazer. Por volta do primeiro aniversário do nosso filho, estou recuperada o suficiente para receber de novo o meu marido na minha cama. Choro de felicidade quando ele me toca, me preenche como eu queria ser preenchida há tanto tempo.

Meu filho é um bom bebê. Ele cresce sem parar. Tentamos ter outro filho, mas desconfio que Pequeno causou tanto estrago dentro de mim que meu corpo não é capaz de abrigar outro.

“Você foi um péssimo inquilino, Pequeno”, digo a ele, esfregando xampu no seu cabelo castanho fino, “e vou rescindir o seu depósito”.

Ele se contorce na água dentro da pia, rindo de felicidade.

Meu filho toca na minha fita, mas nunca de um jeito que me deixa com medo. Ele pensa nela como parte de mim e a trata como trataria uma orelha ou um dedo. A fita o encanta de uma maneira desprendida e isso me agrada.

Não sei se meu marido está triste por não podermos ter outro filho. Ele é tão fechado com as suas tristezas quanto é aberto com os seus desejos. É um bom pai e ama o seu menino. Quando volta do trabalho, eles brincam de pega-pega e corrida no quintal. Ele ainda é novo demais para agarrar uma bola, mas meu marido a rola para ele com paciência na grama e o nosso filho a pega e a deixa cair mais uma vez, e meu marido faz sinal para mim e grita, “Olha, olha! Viu só? Logo, logo ele vai estar arremessando”.

De todas as histórias que conheço sobre mães, esta é a mais real. Uma jovem americana está visitando Paris com a mãe quando a mulher começa a se sentir mal. Elas decidem ir para um hotel por alguns dias para que a mãe possa descansar e a filha chama um médico para examiná-la.

Após uma breve consulta, o médico diz à filha que tudo o que sua mãe precisa é de um remédio. Ele leva a filha até um táxi, dá instruções em francês ao taxista e explica à garota que o taxista a levará até a casa do médico, onde sua esposa lhe dará o remédio apropriado. Eles andam de carro durante muito tempo e, quando a garota chega ao destino, fica frustrada com a lentidão insuportável da esposa daquele médico, que prepara meticulosamente as pílulas a partir de algum pó. Quando ela entra de novo no táxi, o taxista vaga pelas ruas, às vezes voltando pela mesma avenida. Frustrada, a garota sai do táxi para retornar ao hotel a pé. Quando enfim chega lá, o recepcionista lhe diz que nunca a viu antes. Ao subir correndo até o quarto onde sua mãe estivera descansando, ela se depara com paredes de uma cor diferente, a mobília não é como ela se lembra e sua mãe não se encontra em lugar algum.

A história possui muitos finais. Em um deles, a garota é gloriamente persistente e segura de si, aluga um quarto perto do local e vigia o hotel, seduzindo por fim um jovem que trabalha na lavanderia e descobrindo a verdade: que sua mãe morrera de uma doença muito contagiosa e fatal, partindo deste plano de existência pouco depois de o médico tirar a filha do hotel. A fim de evitar uma onda de pânico na cidade, os funcionários do hotel removeram e enterraram o corpo, repintaram e remobiliaram o quarto e subornaram todos os envolvidos para que negassem já terem visto as duas.

Em outra versão da história, a garota vaga pelas ruas de Paris durante anos, crente de que está louca, de que inventou a mãe e a vida com a sua mãe em sua própria mente doentia. A filha perambula de hotel em hotel, confusa e sofrendo, embora não saiba dizer por quem. Cada vez que é expulsa de outro saguão refinado, ela chora por algo que perdeu. Sua mãe está morta e ela não sabe disso. Não saberá até que ela mesma também esteja morta, partindo do pressuposto que você acredite em paraíso.

Não preciso lhe contar a moral da história. Acho que você já sabe qual é.

minotauro

...

O nosso filho começa a ir para a escola com cinco anos e me lembro de sua professora daquele dia no parque, quando ela se abaixou para me ajudar e previu gravidezes futuras fáceis. Ela também se lembra de mim e conversamos rapidamente no corredor. Conto que não tivemos mais filhos além do primeiro e que, agora que ele começou a escola, meus dias vão passar a ser repletos de preguiça e tédio. Ela é gentil. Diz que, se estou procurando um modo de ocupar o meu tempo, há uma aula de arte maravilhosa para mulheres em uma faculdade local.

Naquela noite, depois de o meu filho ir para a cama, meu marido estende a mão pelo sofá e a desliza pela minha perna acima.

“Venha aqui”, diz ele, e tremo de prazer. Escorrego para fora do sofá e aliso a minha saia com cuidado ao ir de joelhos até ele. Beijo a sua perna, levo minha mão até o seu cinto e o arranco antes de

engoli-lo inteiro. Ele passa as mãos pelo meu cabelo, alisando a minha cabeça, gemendo e se pressionando contra mim. E não percebo que sua mão está descendo pela minha nuca até ele tentar passar os dedos por dentro da fita. Dou um grito sufocado e me afasto depressa, recuando e conferindo nervosamente se meu laço está intacto. Ele ainda está sentado lá, coberto com a minha saliva.

“Volte aqui”, diz ele.

“Não”, digo. “Você vai tocar na minha fita.”

Ele se levanta, veste as calças e fecha o zíper.

“Uma esposa não deveria guardar segredos do próprio marido”, diz ele.

“Não tenho nenhum segredo”, digo.

“A fita.”

“A fita não é um segredo; apenas é minha.”

“Você nasceu com ela? Por que a sua garganta? Por que é verde?”

Não respondo.

Ele permanece em silêncio por um longo minuto. E então,

“Uma esposa não deveria ter segredos.”

Meu nariz fica quente. Não quero chorar.

“Eu lhe dei tudo o que você sempre pediu”, digo. “Não posso ter essa única coisa?”

“Eu quero saber.”

“Você acha que quer saber, mas não quer”, retruco.

“Por que você quer escondê-la de mim?”

“Não estou escondendo. Ela só não é sua.”

Ele se abaixa bem perto de mim e recuo diante do cheiro de bourbon. Escuto um rangido, nós dois olhamos para cima e vemos os pés do nosso filho desaparecerem no alto da escada.

Quando o meu marido vai dormir nessa noite, ele o faz com uma raiva intensa que desaparece assim que começa a sonhar de fato. Fico acordada durante um bom tempo escutando a sua respiração, imaginando se os homens talvez possuam fitas que não se parecem com fitas. Talvez todos nós sejamos marcados de alguma forma, mesmo que seja impossível de se ver.

No dia seguinte, o nosso filho toca a minha garganta e pergunta sobre a minha fita. Ele tenta puxá-la. E ainda que me doa, preciso torná-la proibida a ele. Quando ele estende a mão para tocá-la, sacudo uma lata cheia de moedas. Ela faz um estrondo dissonante e ele se afasta e chora. Algo se perde entre nós e jamais o encontro de novo.

(Se estiver lendo esta história em voz alta, prepare uma lata de refrigerante cheia de moedas. Quando chegar nesse momento, sacuda-a com estardalhaço diante do rosto das pessoas mais próximas de você. Observe as expressões de medo espantado e depois de traição. Note como nunca mais olham exatamente da mesma forma para você até o fim de seus dias.)

Me matriculo na aula de arte para mulheres. Quando o meu marido está no trabalho e o meu filho está na escola, dirijo até o enorme campus verdejante e o prédio cinza e baixo onde são dadas as aulas.

Presumivelmente, os modelos masculinos nus são mantidos longe das nossas vistas por algum sentido de decência, mas a classe possui a sua própria energia: há muito para se ver na forma nua de uma mulher desconhecida, muito para contemplar enquanto se usa carvão e misturam-se tintas. Vejo mais de uma mulher se mexendo de um lado para o outro em seus assentos para redistribuir o fluxo sanguíneo.

Uma mulher em particular volta várias vezes. A fita dela é vermelha e está amarrada em volta do tornozelo fino. Sua pele é da cor de azeitona e um caminho de pelos negros desce do umbigo até o monte pubiano. Sei que eu não deveria desejá-la, não por ela ser uma mulher e não por ela ser uma estranha, mas porque é o trabalho dela ficar nua e me sinto envergonhada por me aproveitar dessa posição. Percorro o seu corpo com os olhos cheios de culpa, mas enquanto meu lápis traça os seus contornos, minha mão faz o mesmo nos confins mais secretos da minha mente. Não tenho nem mesmo certeza de como algo assim aconteceria, mas as possibilidades quase me levam à loucura de excitação.

Uma tarde, depois da aula, viro no final de um corredor e lá está ela, a mulher. Vestida, enrolada em uma capa de chuva. O olhar dela

me atravessa e a essa distância posso ver um aro dourado ao redor de suas pupilas, como se os seus olhos fossem eclipses solares gêmeos. Ela me cumprimenta e faço o mesmo.

Nos sentamos na mesa em uma lanchonete próxima e os nossos joelhos de vez em quando se tocam debaixo da superfície de fórmica. Ela bebe uma xícara de café preto, o que me espanta, embora eu não saiba por quê. Pergunto se ela tem filhos. Ela diz que tem, uma filha, uma garotinha linda de onze anos.

“Onze é uma idade aterrorizante”, diz ela. “Não me lembro de nada antes dos meus onze anos, mas aí a idade chegou, cheia de cores e horror. Que número, que show.” Então seu rosto muda para outro lugar por um momento, como se ela tivesse mergulhado sob a superfície de um lago e, quando retorna, ela fala rapidamente sobre as habilidades da filha com canto e música.

Não discutimos os temores específicos de se criar uma menina. Para falar a verdade, tenho até medo de perguntar. Também não pergunto se ela é casada e ela não dá a informação, apesar de não usar uma aliança. Conversamos sobre o meu filho, sobre a aula de arte. Quero muito saber que estado de necessidade fez com que ela tirasse a roupa na nossa frente, mas talvez eu não pergunte, pois a resposta, como a adolescência, seria assustadora demais para esquecer.

Estou fascinada por ela, não dá para explicar de outra forma. Ela tem um jeito fácil de lidar, mas não fácil do modo como eu era, do modo como sou. Ela é feito massa de pão, em que a maneira como cede nas mãos que amassam disfarça a sua firmeza, o seu potencial. Quando desvio o olhar e depois a olho de novo, ela parece ter dobrado de tamanho.

“Talvez a gente possa conversar de novo alguma hora”, digo a ela. “Foi uma tarde bem agradável.”

Ela faz que sim com a cabeça. Pago o café dela.

Não quero contar ao meu marido sobre ela, mas ele consegue sentir alguma espécie de desejo contido. Certa noite, ele pergunta o que está me remoendo e confesso. Descrevo até mesmo os detalhes da fita dela, liberando uma onda adicional de vergonha.

Ele fica tão feliz com essa revelação que começa a murmurar uma fantasia longa e detalhada ao tirar as calças e me penetrar, e nem consigo ouvir tudo, mas imagino que dentro dos parâmetros da história eu e ela estamos juntas, ou talvez nós duas estejamos com ele.

Sinto como se a tivesse traído de alguma forma e não volto mais para a aula. Encontro outras distrações para ocupar os meus dias.

(Se estiver lendo esta história em voz alta, force um ouvinte a revelar um segredo devastador e em seguida abra a janela mais próxima que dê para a rua e grite o segredo o mais alto que puder.)

Uma das minhas histórias favoritas é sobre uma velha e seu marido, um homem tão ruim quanto as segundas-feiras, que a assustava com a violência de seu temperamento e a natureza inconstante de seus caprichos. Ela só conseguia deixá-lo satisfeito com a sua comida, da qual ele era completamente cativo. Certo dia, o homem comprou um fígado carnudo para que a mulher cozinhasse para ele, e ela cozinhou, usando ervas e molho. Porém, ela foi sobrepujada pelo cheiro de seu próprio talento e algumas mordiscadas tornaram-se algumas mordidas, e não demorou para o fígado desaparecer. Ela não tinha dinheiro para comprar outro e estava apavorada pela reação de seu marido caso descobrisse que a refeição acabara. Assim, ela se esgueirou até a igreja mais próxima, onde uma mulher havia sido velada recentemente. Ela se aproximou da figura amortalhada e a cortou com uma tesoura de cozinha e roubou o fígado do cadáver.

Naquela noite, o marido da mulher levou um guardanapo aos lábios e declarou que a refeição havia sido a melhor que já fizera. Quando foram dormir, a velha ouviu a porta da frente se abrir e uma lamúria tênue ecoou pelos cômodos. *Quem está com o meu fígado? Queeeeeem está com o meu fígado?*

A velha podia ouvir a voz chegando cada vez mais perto do quarto. Fez-se silêncio quando a porta do quarto foi aberta. A morta repetiu a pergunta.

A velha arrancou o cobertor de cima do marido.

“*Ele está com o fígado!*”, declarou ela triunfante.



Então viu o rosto da morta e reconheceu a sua própria boca e os seus próprios olhos. Ela olhou para baixo para o seu abdômen, lembrando-se agora de como havia aberto a barriga. Esvaiu-se em sangue ali na cama, sussurrando algo sem cessar enquanto morria, algo que você e eu jamais saberemos. Ao seu lado, conforme o sangue penetrava no interior do colchão, o marido continuava a dormir.

Essa pode não ser a versão da história com a qual você está familiarizado. Mas lhe garanto que é a que você precisa conhecer.

...

Meu marido está estranhamente animado para o Halloween. Pego um de seus antigos paletós de tweed e faço um para o nosso filho a fim de que ele possa se fantasiar de um miniprofessor ou algum outro acadêmico cheio de si. Dou até mesmo um cachimbo para ele mastigar. O nosso filho o prende entre os dentes de um jeito adulto que acho perturbador.

“Mamãe, o que você é?”, pergunta o meu filho.

— Não estou fantasiada, então digo que sou sua mãe.

O cachimbo cai de sua boca no chão e ele grita tão alto que não consigo me mover. Meu marido aparece de repente e o pega no colo, fala com ele em voz baixa repetindo o seu nome entre os soluços.

É só quando sua respiração volta ao normal que consigo identificar o meu erro. Ele não tem idade suficiente para conhecer a história das meninas más que queriam um tambor de brinquedo e foram malcriadas com a mãe até que ela foi embora e foi substituída por uma nova mãe – uma com olhos de vidro e uma cauda de madeira que fazia barulho. Ele é jovem demais para as histórias e suas verdades, mas acabei lhe contando inadvertidamente de qualquer forma: a história do garotinho que descobriu apenas no Halloween que sua mãe não era sua mãe, exceto no dia em que todo mundo usava máscaras. O arrependimento me sobe quente à garganta. Tento segurá-lo e beijá-lo, mas ele só quer ir para a rua, onde o sol baixou no horizonte e um frio nevoento toma conta das sombras.

Esse feriado não me serve de muita coisa. Não quero levar o meu filho até as casas de estranhos ou montar bolinhas de pipoca e esperar que as crianças brincando de doce ou travessura apareçam na minha porta exigindo o resgate. Ainda assim, espero em casa com uma travessa repleta dos doces grudentos, atendendo à porta e recebendo rainhas e fantasmas minúsculos. Penso no meu filho. Quando eles vão embora, largo a travessa e apoio a cabeça nas mãos.

O nosso filho chega em casa rindo, mastigando um pedaço de doce que deixou sua boca cor de ameixa. Fico brava com o meu marido. Queria que ele tivesse esperado chegar em casa antes de permitir o consumo dos doces. Será que ele nunca ouviu as histórias? Sobre os alfinetes enfiados nos chocolates, as lâminas de barbear escondidas nas maçãs? É típico dele não compreender o que há para se temer neste mundo, mas ainda assim fico furiosa. Examinoo a boca do nosso filho, mas não há nenhum metal afiado cravado no céu de sua boca. Ele ri e rodopia pela casa, tonto e eletrizado pelos doces e pela emoção. Ele abraça as minhas pernas. O incidente que ocorreu mais cedo já fora esquecido. O perdão é mais doce do que qualquer confeito que possa ser dado em qualquer porta. Quando sobe no meu colo, canto até ele adormecer.

Nosso filho cresce sem parar. Ele tem oito, dez anos. Primeiro, narro-lhe contos de fadas, os mais antigos, com dores, mortes e casamentos forçados cortados como galhos secos. Sereias ganham pés e sentem vontade de rir. Porquinhos malcriados vão a grandes banquetes, regenerados e sem serem comidos. Bruxas más vão embora do castelo e se mudam para pequenas cabanas e vivem o resto de seus dias pintando retratos de criaturas silvestres.

No entanto, à medida que cresce, ele faz perguntas demais. Por que não comeram o porco, famintos como estavam e malcriado como ele fora? Por que permitiram que a bruxa fosse embora depois das coisas terríveis que ela fez? E ele rejeita de imediato a ideia de nada-deiras se transformarem em pés ser outra coisa que não agonizante, depois de ter cortado a mão com uma tesoura.

“Ia duê”, diz ele, pois tem dificuldades com os erres.

Concordo com ele enquanto enfaixo o corte. Ia doer. Então conto histórias mais próximas da verdade: crianças que desaparecem ao longo de um trecho específico da estrada de ferro, atraídas pelo som de um trem fantasma a lugares desconhecidos; um cão negro que aparece na porta de uma pessoa três dias antes de ela morrer; três sapos que o abordam no pântano e leem sua sorte por um preço. Acho que o meu marido iria proibir essas histórias, mas o meu filho as escuta com seriedade e as guarda para si mesmo.

A escola monta uma peça de *Little Buckle-Boy* e ele consegue o papel principal, o menino da fivela, e me junto a um grupo de mães para fazer o figurino das crianças. Sou a figurinista-chefe em uma sala cheia de mulheres, todas nós costurando juntas pequenas pétalas de seda para as crianças-flores e fazendo pantalonas brancas minúsculas para os piratas. Uma das mães tem uma fita amarelo-claro no dedo que se enrosca a todo o momento com a linha de costura. Ela xinga e chora. Certo dia tenho até mesmo que usar a tesoura de costura para cortar as linhas que atrapalham. Tento ser delicada. Ela sacode a cabeça quando a solto da peônia.

“É um saco, né?”, diz ela. Concordo com a cabeça. Lá fora, as crianças brincam: derrubam umas às outras dos brinquedos do parquinho, arrancam os topos dos dentes-de-leão. A peça é um sucesso. Noite de estreia, o nosso filho arrasa com o seu monólogo. Tom e cadência perfeitos. Ninguém nunca fez melhor.

Nosso filho tem doze anos. Ele me pergunta sobre a fita, sem rodeios. Digo a ele que somos todos diferentes e que às vezes não se deve fazer perguntas. Asseguro que ele entenderá quando for adulto. Eu o distraio com histórias que não têm fitas: anjos que desejam ser humanos e fantasmas que não percebem que estão mortos e crianças que se transformam em cinzas. Ele para de ter cheiro de criança, a doçura leitosa substituída por algo forte e ardente, como um fio de cabelo chiando no fogão.

Nosso filho tem treze, catorze anos. O seu cabelo está um pouco longo, mas não tenho coragem de cortá-lo. Meu marido bagunça os

cachos com a mão quando sai para o trabalho e me beija no canto da boca. A caminho da escola, o nosso filho espera pelo garoto do vizinho, que caminha com uma tala ortopédica. Meu filho exhibe uma compaixão bastante sutil. Não possui nenhum instinto de crueldade, como algumas pessoas. “O mundo já tem valentões demais”, disse a ele inúmeras vezes. Este é o ano em que ele para de pedir para ouvir as minhas histórias.

Nosso filho tem quinze, dezesseis, dezessete anos. É um garoto brilhante. Tem o jeito do pai com as pessoas, o meu ar de mistério. Ele começa a cortejar uma garota bonita do colégio que tem um sorriso radiante e uma presença calorosa. Fico feliz em conhecê-la, mas nunca insisto para ficarmos acordados esperando que cheguem, me lembrando da minha própria juventude.

Quando ele nos conta que foi aceito em uma universidade para estudar engenharia fico extremamente feliz. Marchamos pela casa, cantando e rindo. Meu marido se junta à comemoração quando chega em casa e vamos até um restaurante de frutos do mar local. “Estamos tão orgulhosos de você”, diz o seu pai enquanto comemos peixe. O nosso filho ri e diz que também quer se casar com a sua garota. Damos as mãos e ficamos ainda mais felizes. Um garoto tão bom. Uma vida tão maravilhosa pela frente.

Nem a mulher mais sortuda do mundo já teve uma alegria assim.

Há um clássico, um verdadeiro clássico, que ainda não contei.

Uma namorada e um namorado estacionaram em algum lugar. Alguns dizem que isso significa se beijar dentro de um carro, mas conheço a história. Eu estava lá. Eles estavam estacionados na margem de um lago. Estavam se revirando no banco de trás como se o mundo estivesse prestes a acabar. Talvez estivesse. Ela se ofereceu e ele a possuiu e, depois que acabou, ligaram o rádio.

A voz no rádio anunciava que um assassino louco com um gancho no lugar da mão havia escapado do hospício local. O namorado gargalhou e mudou para uma estação de música. Quando a música terminou, a namorada ouviu um som baixo de algo sendo arranhado,

como um clipe de papel sobre vidro. Ela olhou para o namorado e colocou o seu cardigã sobre os ombros descobertos, passando um braço em volta dos seios.

“É melhor a gente ir embora”, disse ela.

“Nem”, disse o namorado. “Vamos fazer aquilo de novo. A gente tem a noite toda.”

“E se o assassino aparecer?”, perguntou a garota. “O hospício fica bem perto.”

“Vamos ficar bem, gata”, disse o namorado. “Não confia em mim?”

A namorada assentiu com relutância.

“Bem, então...”, disse ele, e sua voz foi sumindo daquele jeito que ela viria a conhecer tão bem. Ele tirou dos seios a mão da namorada e a colocou em si mesmo. Ela enfim desviou o olhar da margem do lago. Lá fora, o luar reluziu no gancho de aço lustroso. O assassino acenou para ela, sorrindo.

Desculpe. Esqueci o resto da história.

A casa está tão silenciosa sem o nosso filho. Ando por ela, tocando todas as superfícies. Estou feliz, mas algo dentro de mim está se mudando para um lugar novo e estranho.

Naquela noite, o meu marido pergunta se quero batizar os cômodos recém-desocupados. Não transávamos com tanta intensidade desde antes de o nosso filho nascer. Curvada sobre a mesa da cozinha, algo antigo se acende dentro de mim e me lembro do jeito que a gente tinha tesão antes, como deixávamos manchas de amor por todas as superfícies, como ele se esbaldava com os meus lugares mais escuros. Grito com ferocidade, sem me importar que os vizinhos ouçam, sem me importar se alguém olhar pela janela com as cortinas abertas e vir o meu marido enfiado na minha boca. Eu iria para o gramado se ele pedisse, deixaria ele me penetrar por trás diante de toda a vizinhança. Eu poderia ter conhecido qualquer um naquela festa quando tinha dezessete anos: garotos estúpidos, ou garotos pudicos, ou garotos violentos. Garotos religiosos que teriam feito eu me mudar para algum país distante para converter os seus habitantes, ou algum

absurdo assim. Eu poderia ter experimentado inúmeras tristezas ou descontentamentos. Mas montada nele no chão, subindo e descendo e gritando, sei que fiz a escolha certa.

Adormecemos exaustos, estirados e nus na nossa cama. Quando acordo, o meu marido está beijando a minha nuca, cutucando a fita com a língua. Meu corpo se rebela furiosamente, ainda latejando com as lembranças de prazer, mas resistindo diante da traição. Digo o nome dele e ele não responde. Digo de novo e ele me segura contra si e continua. Enfio meus cotovelos no lado do seu corpo e, quando ele me solta surpreso, sento e o encaro. Ele parece confuso e magoado, como o meu filho no dia em que sacudi a lata de moedas.

A determinação me abandona. Toco a fita. Olho no rosto do meu marido, o início e o fim de todos os seus desejos estampados ali. Ele não é um homem ruim e isso, percebo de repente, é a raiz da minha mágoa. Ele de modo algum é um homem ruim. Seria incrivelmente injusto descrevê-lo como mau ou cruel ou depravado. E ainda assim...

“Você quer desamarrar a fita?”, pergunto a ele. “Depois de todos esses anos, é isso o que você quer de mim?”

Seu rosto se ilumina de alegria e em seguida de avidez, e ele passa a mão pelo meu seio nu e sobe até o meu laço. “Sim”, diz ele. “Sim.”

Não preciso tocá-lo para saber que ele está ficando duro só de pensar.

Fecho os olhos. Me lembro do garoto da festa, o que me beijou e me abriu na margem daquele lago, que fez comigo o que eu queria. Que me deu um filho e o ajudou a se tornar um homem.

“Então faça o quiser”, digo.

Ele segura uma das pontas com dedos trêmulos. O laço se desfaz, lentamente, as extremidades há tanto tempo amarradas vincadas pelo uso. O meu marido geme, mas acho que ele não percebe. Ele enrola o dedo na última espiral e puxa. A fita se solta. Ela cai devagar e retorcida na cama, ou assim imagino, pois não posso olhar para baixo para acompanhar a sua queda.

O meu marido franze a testa e o seu rosto começa a se abrir com alguma espécie de expressão – tristeza, ou talvez perda de antemão.

Ergo a mão de repente na minha frente – um movimento involuntário, para me equilibrar ou alguma outra futilidade – e por trás dela a imagem dele desaparece.

“Eu te amo”, asseguro a ele, “mais do que você imagina”.

“Não”, diz ele, mas não sei em resposta a quê.

Se estiver lendo esta história em voz alta, você pode estar se perguntando se o lugar que a minha fita protegia estava úmido de sangue e com aberturas, ou se era liso e castrado como o espaço entre as pernas de uma boneca. Receio não poder lhe dizer, pois não sei. Sinto muito por essas e outras questões e a falta de resolução para elas.

Meu peso muda e, com isso, sou agarrada pela gravidade. O rosto do meu marido recua e então vejo o teto e a parede atrás de mim. Quando a minha cabeça cai para trás de cima do meu pescoço e rola para fora da cama, me sinto mais sozinha do que nunca.

# minotauro